

## EDITORIAL

A música pode nos mover emocionalmente de uma forma profunda. Ela pode ativar nossas reminiscências mais antigas e elevar nosso ânimo. Mas seu poder vai além, ao permitir uma compreensão profunda de nós mesmos e do mundo que nos cerca. A música pode acalmar e organizar a mente de pessoas cujas memórias são afetadas por Alzheimer, perda de lembranças, melancolia ou nostalgia. Isto é possível porque a música ocupa mais áreas do nosso cérebro do que a linguagem. Talvez seja possível alegar que a maioria dos seres humanos tem musicalidade inata. Além disto, na era tecnológica, a memória é a chave para tudo aquilo que somos, o que explica o ressurgimento do interesse da arte, da história e da ciência pela memória em geral. Isto se reflete nos programas das universidades, em que os estudos da memória têm se desenvolvido rapidamente em um campo que vem reunindo, ao longo dos últimos vinte anos, estudiosos de várias disciplinas. Este é um campo empiricamente rico e teoricamente desafiador, que também tem implicações na maneira pela qual as fontes e seus dados são compreendidos e interpretados nas disciplinas da musicologia e/ou de estudos musicais.

O VII Encontro de Pesquisadores em Poética Musical dos Séculos XVI, XVII e XVIII, “Música e Memória”, realizado entre os dias 15 e 18 de setembro de 2015 no Auditório do Instituto Goethe, SP, teve como objetivo rastrear e interrogar a natureza dos desenvolvimentos recentes no estudo da relação entre música e memória, especialmente a relação entre música antiga e a arte da memória. Desenvolvendo esta pesquisa referencial, músicos e estudiosos – desde a Idade Média até os tempos modernos – construíram arquivos de memória aos quais se referiram no processo da escrita de música, de teoria e filosofia musical, assim como da prática musical. Quais

fontes usam e como esta informação foi reciclada? A relação entre música e memória mudou durante o tempo?

Esta coletânea de artigos e ensaios propõe uma reflexão ampla sobre estas questões, e inclui discussões sobre memória e mito na Antiguidade grega (Cynthia Gusmão), teoria latina da memória (Adriano Scatolin), memória e a arte da composição (Stefano Lorenzetti), memória como *Nachleben* na perspectiva de Aby Warburg e uma possível transposição desta para a música (Maya Lemos), imaginação e fantasia, consideradas a partir da ideia de ornamento (Geroge Gütlich), a implicação das teorias neoplatônicas de Marsílio Ficino na obra de Cavalli (Jacomien Prins), relações entre performance musical e memória (Stefano Paschoal), imitação e cânone em Josquin Desprez (Carlos Iafelice), *musica ficta e recta* em Adrian Willaert (Fernando Cardoso), solmização na música inglesa do séc. XVI (Nathalia Domingos), as implicações da memória na *pronuntiatio*, de acordo com o quinhentista Silvestro Ganassi (Giulia Tettamanti), a presença da memória nas árias das *amas de leite* da ópera seiscentista italiana (Ligiana Costa), questões interpretativas na suíte BWV 995 de Bach (Renato Cardoso) e o violino como instrumento de diletantes na Inglaterra setecentista (Marcus Held).

Jacomien Prins

University of Warwick

Mônica Lucas

Universidade de São Paulo

Organizadoras do VII Encontro de Pesquisadores em

Poética Musical dos Sécs. XVI, XVII e XVIII

“Música e Memória”